

“O que você veio fazer na ZL?”: circulando entre dois espaços de (homo)

sociabilidade na Zona Leste de São

Paulo¹

Ramon Pereira dos Reis²

Resumo: Esta proposta traz as primeiras análises da pesquisa que desenvolvo no doutorado, sobre circulação, corporalidade, estilo, desejo, de homens homossexuais frequentadores de dois espaços de (homo) sociabilidade, localizados na zona leste de São Paulo, em Itaquera (Luar Rock Bar) e São Mateus (Guinga's Bar). A pergunta que compõe o título, figura como intrigante pra mim, alocando-me para o que considero como a linha tênue entre pesquisador/professor (quando menciono, nas conversas com os frequentadores, esta pesquisa) e sujeito desejável (pelas diretas/indiretas que recebo no campo); Contudo, tal indagação deve ser algo corriqueiro para os frequentadores desses dois lugares, ao conversarem ou avistarem alguém que não os frequenta. Aproprio-me dos recursos de uma etnografia clássica, quais sejam: observações diretas, diário de campo, aplicação de roteiro de entrevista semi-estruturado, com vistas a compreender, de modo menos circunscrito no lugar e mais nas movimentações, as negociações/apropriações/sentidos/classificações, que homens homossexuais, que frequentam o Guinga's e o Luar Rock Bar, empreendem a: sujeitos desejáveis/não-desejáveis, circulação, (homo)sexualidade, classe, idade/geração, cor/raça, gênero e regionalidade.

Palavras-chave: Circulação. Marcadores Sociais da Diferença. São Paulo. Zona Leste

Introdução

Esta proposta traz as primeiras análises da pesquisa que desenvolvo no doutorado, sobre circulação, corporalidade, estilo, desejo, de homens homossexuais frequentadores de dois espaços de (homo) sociabilidade, localizados na zona leste de São Paulo, em Itaquera (Luar Rock Bar)³ e São Mateus (Guinga's Bar).⁴ A partir de uma análise que articula determinados marcadores sociais da diferença (Cf. McCLINTOCK, 2010) procuro compreender como são produzidas as sociabilidades, aproximações/contatos afetivo-sexuais, espaços de sociabilidade homossexual na

1 Pesquisa de doutorado, em andamento, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo nº. 2012/11721-8. Sob orientação do Prof. Dr. Júlio Assis Simões. “As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP”. Vale lembrar que as frases ou parágrafos grafados em itálico indicam falas de frequentadores ou termos êmicos.

2 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo – PPGAS/USP. E-mail: ramonreis@usp.br

3 Os proprietários do Luar Rock Bar promovem uma festa temática que acontece de quinze em quinze dias intitulada Plasticine Party, reunindo um público de jovens heterossexuais e homossexuais considerados pelos pares como *undergrounds* e *alternativos*. Atualmente, obtenho informações sobre a festa através de uma página no Facebook <<https://www.facebook.com/groups/111614492336747/>>, acesso em 13/01/13.

4 Para maiores informações comerciais sobre o bar, acessar o site: <www.guingasbar.com.br>, acesso em 18/11/12.

periferia, desejos e sujeitos desejáveis. Em outras palavras, é um empenho em compreender processos de subjetivações e identificações (FOUCAULT, 2001). As questões seguintes são as que movem esta empreitada etnográfica: Qual o impacto dos marcadores sociais da diferença na produção de formas de “identificação” e “segmentação”? Quem é esse sujeito desejável? Qual a especificidade desse lugar localizado na periferia? Como se dá a circulação? Quem são as pessoas dispostas a circular? Como são produzidas as relações entre homossexuais na periferia?

Como exemplo de etnografias que lidaram com sociabilidade e vivências homossexuais em periferia, em grande parte articulando-as à circulação, cito os seguintes trabalhos já finalizados: Aguião (2007), Moutinho (2006), Facchini (2008), Oliveira (2006), Lopes (2011), Carvalho-Silva (2009), Pinheiro (2011), Medeiros (2006), Lacombe (2010), Perilo (2012). Tais pesquisas mostram, pelo menos, dois pontos em comum: a circulação e os processos de subjetivação. A construção das análises tem como principal preocupação apresentar o cotidiano de sujeitos que não se furtam a transpor fronteiras na produção de seus corpos, identidades, práticas sexuais, redes de sociabilidade. As etnografias supracitadas reverberam, em uníssono, a não dicotomia entre centro e periferia, de fato, essa não é a questão que move os pesquisadores. Foi preciso que cada pesquisador, caminhasse, a seu modo, com seus interlocutores na possibilidade da feitura do olhar sobre o outro (alteridade) e o apontamento de que por menor que seja a circulação e que ela se circunscreva, por exemplo, ao bairro de moradia, ainda assim, ali naquele lugar onde o olhar não costuma se voltar, cotidianamente são constituídas/os nomeações e sujeitos políticos: *bichas, homens de verdade, bonecas, mulherzinhas, entendidos/as, mulheres de Kêto, LGBT, favelado, jovens homossexuais*.

Valendo-se da análise de três espaços de sociabilidade homossexual da cidade de São Paulo (Boteco do Caê, Ursound e The Week – localizados em regiões centrais de São Paulo), França (2012) nos faz entrever, na perspectiva do consumo (de uma antropologia do consumo), como a articulação de determinados marcadores de diferença (gênero, sexualidade, classe, idade e cor/raça) produzem sujeitos, categorias e estilos relacionados à homossexualidade. Interessada nos processos de diferenciação e subjetivação relacionados ao consumo e à homossexualidade, com foco no contexto de segmentação de mercado, a respeito de determinados espaços de sociabilidade homossexual da cidade de São Paulo, França afirma que:

(...) longe de serem apenas cenários neutros, os lugares atuam na constituição de subjetividades ao mesmo tempo que são constituídos por seus frequentadores; por outro lado, funcionam também como contextos que revelam e possibilitam determinados usos de bens ou que fazem circular informações a seu respeito, estimulando ou não o interesse por objetos ou práticas de consumo específicos (*idem*, p. 19)

Deste modo, estudos que tratam da relação entre homossexualidade e sociabilidade, como esta pesquisa, além de fazerem conexão com dispositivos que reproduzem desigualdades e hierarquias sociais, devem dar ênfase aos espaços de agência dos sujeitos. Além disso, como tratamos, também, de produção de desejo e de sujeito desejável, podemos relacionar questões de interseccionalidade àquilo que Perlongher (2008 [1987]) menciona quando fala sobre “tensores libidinais”, ao nos lembrar que eixos em que se estabelecem diferenciações sociais também podem orientar desejo.

Na tentativa de circular por outros espaços de sociabilidade distantes do centro da cidade de São Paulo, que estão localizados em bairros considerados periféricos, a exemplo de Itaquera e São Mateus, sem perder de vista, também, a perspectiva do consumo e segmentação de mercado, é que resolvi adentrar no “universo” de dois espaços, quais sejam: Guinga’s Bar (São Mateus) e a festa temática Plasticine Party no Luar Rock Bar (Itaquera). As incursões nestes dois lugares me fez perceber a singularidade de ambos, levando-me a consequente escolha.

Dois espaços, duas sociabilidades...

Então, qual é a importância desses dois espaços? Para além de estarem localizados na periferia, com relação ao Guinga’s⁵ o que me chamou/chama atenção é que no mesmo espaço habitam conjuntamente uma boate e um bar (onde a atração maior é o karaokê), separados por uma parede e uma porta de entrada e saída de pessoas. Localizado nos altos de um açougue e sem a pretensão de indicar na entrada que se trata de um lugar GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), o bar/boate (que já existe há mais de 6 anos, conforme conversa com uma das sócias) afirma ser um espaço democrático, em São Mateus, tanto pela fala dos funcionários e sócios quanto pelas conversas dos frequentadores: é muito comum ouvir que *no Guinga’s todo mundo é igual!* Apontando para diferenças entre lugares a partir da dicotomia centro *versus* periferia: entre homossexuais de classe alta e classe baixa, de consumo (*porque*

⁵ Localizado na Avenida Sapopemba, 13.780, em São Mateus, nos altos de um açougue, desde 2006. Funciona de quarta-feira até domingo, das 23h00 às 06h00. A entrada custa R\$8,00 sem consumação ou R\$15,00 consumíveis e aceita cartão de débito e crédito.

no Guinga's ninguém está interessado no que a outra pessoa está vestindo), de performance de gênero mais feminina ou mais masculina (*as pessoas querem se divertir, não querem saber se você dá pinta ou não*), de idade/geração (*aqui tá todo mundo junto e misturado... Se você é mais novo, você tem a opção da boate, se você é mais velho pode ficar no karaokê*), de sexualidade e cor/raça (*aqui você encontra de tudo: bicha, sapatão, travesti, preto, branco*). Kobayashi (2013, p. 113) menciona que a definição para o Guinga's é de uma "boate com videokê, onde há uma grande presença de homossexuais na faixa dos 30 anos que gostam de cantar músicas nacionais, como MPB (Música Popular Brasileira) e sertanejo." Percebi, também, circulação de pessoas vindas de Santo André, Interlagos, República, Tatuapé, Itaquera, além de moradores de São Mateus. Em conversas preliminares, tenho percebido que ao investigar a origem da família de alguns frequentadores, as respostas que obtenho me fazem considerar a marcação de regionalidade, alguns deles possuem família no Nordeste (Bahia, Piauí, Pernambuco), contudo, vieram muito jovens ou nasceram em São Paulo.

Aos poucos perscrutei o ambiente ao meu modo: observando as cores, o som, as pessoas. Quando eu estava parado olhando algumas fotos, uma mulher negra, de aproximadamente 1,80m, segurança, se aproximou e começou a conversar. Ela disse que *o público é super agradável*, que não presenciou nenhum caso de violência durante os três meses que trabalha no local. Contou ainda que *sábado é o dia de maior público e, quarta, quinta e domingo a entrada é grátis*, sendo que na sexta o público majoritário é de gays e no sábado de lésbicas.⁶ A gerente me explicou que *se trata de um dia deles e uma dia delas*. Porém, de acordo com a segurança com quem havia conversado, essa distinção relatada pela gerente não existe, o que ocorre é a predominância do público de gays; esta talvez seja uma estratégia para atrair o público de lésbicas a ocupar tal espaço.

Minha primeira incursão ocorreu em uma sexta-feira (09/11/12); Confesso que voltei para casa frustrado pelo pouco número de pessoas no lugar, *a sexta não é o melhor dia da casa*, era o que comentava uma das pessoas com quem conversei. *O melhor dia é o sábado. É onde você vai encontrar de tudo: travesti, bicha, sapatão; a casa vai estar lotada, terá até fila para entrar*, era o que relatava outra pessoa. Os comentários, que soavam como genéricos, queriam me dizer que eu precisava voltar

6 Gays e Lésbicas são compreendidos como categorias de análise.

no sábado para explorar, ainda mais, o ambiente. Ao voltar em um sábado, comprovei o que haviam me dito. Antes de entrar, vi de longe a fila que se formava e o grande número de pessoas que chegavam. Duas coisas me chamaram a atenção: a considerável quantidade de casais de lésbicas e de negros/negras. Os casais de lésbicas chegam em grupos, compostos somente por mulheres. Promovem a representação dos pólos mais masculina (usam bermuda, calça jeans e camisas mais largas, tênis) e mais feminina (calça jeans e blusa justa ao corpo, salto alto e acessórios – bolsa, pulseira, brinco). Notei que há uma diferença de idade entre elas: em alguns casos a mais feminina parece ser a mais jovem (25 anos) e a mais masculina parecer ser a mais velha (40 anos) e vice-versa. Em relação aos homens homossexuais, público majoritário, grande parte vem desacompanhada, e encontram seus grupos no Guinga's. São negros, mais femininos, entre 20 a 40 anos, que usam calça jeans justa, boné de aba reta, camisa baby look, alguns com camisa de time de futebol ou de escola de samba e tênis. Algumas travestis, também, circulam pelo local, mas em menor número.

Continuei conversando com a segurança. Indaguei-a sobre a questão da circulação das pessoas no Guinga's. Ela apontou que há bastante circulação de pessoas vindas de pinheiros, morumbi, mas que o movimento inverso não ocorreria com tanta frequência, de acordo com ela *os frequentadores do Guingás estariam satisfeitos com o lugar e não precisariam se deslocar para longe em busca de diversão.*

O espaço está dividido em dois ambientes: um deles é a boate, com pista de dança, música eletrônica, apresentação de Go Go Girls e Go Go Boys, e o outro é um bar com karaokê. Neste bar, a escolha da música, aparentemente, marca uma posição de gênero, ou seja, escolhas de músicas românticas pode indicar uma marcação de gênero mais pro lado do feminino, enquanto que a escolha por rock, por exemplo, pode indicar uma maior relação com aspectos de masculinidade. Cabe então refletir sobre o seguinte pressuposto: haveria aqui uma sinalização para um cenário de relações hierárquicas entre *bichas* (femininas) e *bofes* (masculinos), *caminhoneiras* (masculinas) e *ladies* (femininas)? A escolha do repertório musical de cada frequentador, além do gosto musical, é representativo da performance de gênero individual: homossexuais mais masculinos (*bofes* e *caminhoneiras*) costumavam cantar músicas do gênero rock, sertanejo, enquanto que homossexuais mais femininos

(*bichas e ladies*) escolhiam canções interpretadas na voz de cantoras como Christina Aguilera, Mariah Carey, Paula Fernandes.⁷

Essa divisão espacial (karaokê e boate) reflete, além do pressuposto acima, uma marcação temporal: de gosto musical, de processos geracionais de vivência da homossexualidade. Em todas as vezes que fui ao Guinga's e que entrava no Karaokê, o mesmo público estava lá, tal como uma cena que pudesse ser congelada, cantando as mesmas músicas⁸ (MPB, Sertanejo, Forró, Rock, Pop, Romântico), reafirmando um convívio entre pares. Na pista de dança eu notava as coisas se repetindo: o acelerado *bate cabelo*, o *carão*, o estilo musical (Tecno, Dance, House). Parecem dois “universos paralelos” que não interagem entre si e que se distanciam para, justamente, marcar uma posição neste espaço. É notório que o público que frequenta o karaokê é mais velho, e que se vê como uma família, os grupos que estão no karaokê são mais fechados. Na pista de dança, a começar pela dança solta, a sensação é menos de uma constituição de família e mais de uma individualidade.⁹

Se no *Guinga's todo mundo é igual!*, à primeira vista parece que este plano retórico se concretiza ao mostrar aquela diversão junta e misturada num único espaço. A contrapelo dessa afirmação e na percepção aguçada sobre o lugar, os frequentadores e o espaço querem dizer que não se trata de uma igualdade da pessoa, mas de poderem se ver na diferença individual. O própria divisão espacial entre boate e karaokê sinaliza para uma tessitura que agrupa a diferença,¹⁰ mesmo que ela esteja separada. Esta frase afirmativa não é apenas correlata ao fato de circularem gays, lésbicas, travestis, pretos, brancos, mas também para algo além da aparência.

7 Tais pólos dicotômicos e hierárquicos lembram o clássico sistema classificatório da homossexualidade descrito por Fry (1982). Essa lógica classificatória aparece, também, nas seguintes etnografias: Facchini (2008), Oliveira (2006), Meinerz (2011), França (2012), Lacombe (2010), Reis (2012).

8 Em uma das incursões eu fiquei alguns minutos anotando a seleção de músicas que eram cantadas; montei a seguinte playlist: Bem querer - Mauricio Manieri; Mania de você - Pepê e Neném; Menina veneno - Ritchie; Separação - Riva Tostes; Without You - Mariah Carey; Quem de nós dois - Ana Carolina; Sem ar - D'Black; Codinome beija-flor - Cazuzza; Strani amori - Andrea Bocelli; Malandragem - Cássia Eller; Esse amor que me mata - César Augusto; De São Paulo a Belém - Rionegro e Solimões; Pássaro de fogo - Paula Fernandes; O mundo anda tão complicado - Renato Russo; Vento no litoral - Legião Urbana; Quando você me beija - Leandro Lehart; Love by grace - Lara Fabian; Boys don't cry - The cure; Pra sempre vou te amar - Robson; La belle de jour - Alceu Valença; Não deixe o samba morrer - Alcione; Viver sem ti - Thiaguinho.

9 O sociólogo argentino Ernesto Meccia (2011) aponta questões importantes para o que ele chama de período homossexual, pré-gay e gay, tomando como base autores da corrente interacionista simbólica para construir um argumento que explora as transformações em torno da (homo) sexualidade (para homossexuais de mais de quarenta anos - seus interlocutores, que viveram na cidade de Buenos Aires, ou nos arredores, no período da reabertura democrática de 1983), até chegarmos nas gerações mais jovens (dos anos 2000) que se socializam na “gaycidade”. Com isso, ele constrói dois regimes: Regime da homossexualidade: sofrimento, marginalidade e silêncio / Regime da “gaycidade”: orgulho, reconhecimento e visibilidade social. Este argumento parece ser promissor quando colocado à luz tanto no Guinga's quanto na Plasticine, bem como no entrecruzamento desses dois lugares. Quero lembrar que não procuro chapar tais regimes e sim entrecruzá-los.

10 Considerar que a diferença coexiste em meio ao discurso ou a um efeito verbal de igualdade é levar em conta não uma ingenuidade em achar que *todo mundo é igual*, mas perceber a complexidade de um processo que se vale da semelhança, enquanto constituinte de um aspecto familiar, de vizinhança, de bairro, para então consubstanciar uma análise que explore subjetividades. É como partir de uma cena de grupo em um espaço ou de um efeito discursivo e descortinar esse plano para determinadas variáveis/agenciamentos/contingências. Para uma teorização pormenorizada sobre diferença, ver Brah (2006).

Valoriza-se o perfil que tem no local, seja ele belo ou feio, como forma, em sentido amplo, de dar valor aos pares moradores desta periferia (São Mateus) e frequentadores do Guinga's, como local de segurança e proximidade entre as pessoas (Cf. KOBAYASHI, 2013).

Sobre a Plasticine Party,¹¹ ou somente *Plast*, esta é a festa que vários frequentadores intitulam de *festa alternativa, onde rola de tudo!* Ela acontece em uma casa, onde está localizado o Luar Rock Bar.¹² O que tem me levado a continuar fazendo pesquisa neste lugar diz respeito à uma vivência de homossexualidade que num primeiro momento parece não encontrar um ponto comum com os frequentadores do Guinga's. Dito de outra maneira, o suposto caráter homogêneo para a produção da homossexualidade não se sustenta, essas duas periferias mostram que o plano retórico/corporal/representacional não tem o mesmo tom de regulação, ou seja, não é vivenciado da mesma forma. Fazendo o seguinte trocadilho: são jovens que estariam em “início de carreira”, querem se impor pelo fio condutor da bebida, da droga e da vestimenta, utilizam da corporalidade mesclada a tais símbolos como forma de se fazerem presentes no espaço. Os gays e lésbicas frequentadores são fãs de Madonna, Lady Gaga, Beyoncé, Kesha, Katy Perry, Britney Spears, Christina Aguilera (ícones pop), que não poupam esforços em comporem um visual que por vezes se assemelha ao vestuário dessas cantoras, contrapondo-se ao estilo de *punks*, *roqueiros*, *góticos*, *patricinhas* (na maior parte heterossexuais) presentes. A festa é majoritariamente composta por jovens, homossexuais ou heterossexuais, na faixa etária dos 15 aos 25 anos, vindos dos mais diversos bairros ou cidades de São Paulo: Tatuapé, Tucuruvi, Mogi das Cruzes, Santos, São Bernardo do Campo, Guaianazes, Itaquera. De acordo com Kobayashi (2013, p. 113) a Plasticine “é composta por um público bem jovem de ‘moderninhos’, esteticamente falando, que gostam do cenário alternativo.” Sobre circulação, com foco nas origens, conversei com pessoas em que a família é do nordeste (Piauí), sudeste (Minas Gerais). A *Plast*, com pouco mais de 3 anos, desde o início (conforme conversa com um dos idealizadores da festa), pretende

11 “ A Plasticine é uma das baladas mais conceituadas da noite paulistana, abrindo as portas para o público, fiel alternativo, underground e descolado.” (Trecho retirado do site <<http://www.k1000zetas.com.br/camiseta-plasticine>>, acesso em 17/04/13)

12 Instalado dentro de uma casa antiga em meio a ruínas, na Rua Carolina Fonseca, 35, em Itaquera. Funciona a partir das 22h00. O preço varia de R\$10,00 até 00h00 e R\$15,00 após esse horário e, não aceita cartão de débito ou crédito.

compor uma cena *underground*, *alternativa*, mesclando festas temáticas rock/punk com hip hop, brega, axé, funk, somando a isso um estilo corporal – *dress code* – que o tema da festa indica.

Foi a partir de uma festa (Especial Lady Gaga) ocorrida no dia 10/11/12 que eu começo a pesquisa neste lugar. Neste dia fiz um campo na companhia de dois amigos, saímos do metrô República em direção a última estação de metrô da zona leste, terminal Corinthians-Itaquera. Minhas primeiras impressões: público bastante jovem (inclusive menores de idade, faixa etária entre 15 a 25 anos), misturados entre moças e rapazes - aparentemente, uma grande maioria de homossexuais masculinos, com alguns heterossexuais (homens e mulheres); com relação a vestimenta e o estilo visual percebi uma grande quantidade de pessoas, entre meninos e meninas, com um corte de cabelo desfiado e raspado na lateral, alargador na orelha, calça justa, tatuagem e roupas escuras. Seriam considerados *fashionistas* e alguns procurariam se vestir semelhante ao estilo punk.

O controle na entrada é feito através de um carimbo no pulso. Ao entrar avistamos o pátio da casa, um espaço sem cobertura, logo a frente o bar e caixa, ao lado uma sala de jogos com mesa de bilhar acompanhada de mesas e cadeiras, no centro uma pista de dança, mais uma área aberta nos fundos e um banheiro masculino e feminino, nos fundos. O lugar possui uma atmosfera sombria, reforçado pela pouca luz e penumbra em alguns ambientes. De acordo com um dos organizadores e DJ da Plasticine o sentido que os movem é o seguinte: *Na Plast rola de tudo! Tem dark room*. Ele comentou, ainda, que os gêneros musicais são alternados de uma em uma hora.

Esta primeira ida à Plasticine me alertou para que a expressiva força da vestimenta. Digo isso porque presenciei, claramente, o recurso a um estilo corporal que faça jus à temática da festa. Na primeira em que eu participei o tema era uma homenagem à cantora Lady Gaga (atual ícone pop e considerada uma das musas LGBT) por ocasião de sua vinda ao Brasil. No dia seguinte ela se apresentaria em São Paulo. O vestuário de Lady Gaga pode ser considerado não convencional, vai desde apresentações com vestidos de carne crua, a cliques com macacões de látex cobrindo o corpo todo. Apesar de não ter encontrado alguém vestido semelhante ao visual de Lady Gaga, encontrei meninos e meninas usando camisas com o rosto da cantora, meninos de salto alto, uma menina cobrindo os peitos apenas com uma fita amarela, fazendo alusão a um dos vídeos desta cantora.

Não sou fã de Lady Gaga e nem sei se conseguiria me vestir, de algum modo, parecido ao vestuário dela, mas aquela composição entre estilo e corporalidade me fez perceber que a afirmação identitária exposta tinha como premissa a articulação entre espaço, público, estilo, corporalidade e consumo. Vendo todas aquelas pessoas, senti, principalmente, a força dos grupos de amigos e das redes de sociabilidade. Como a festa se pretende *underground*, *alternativa*, nem sempre ganhando destaque o termo GLS, pela grande circulação de homens e mulheres heterossexuais, fazer parte de um grupo ou de redes de sociabilidade dá a possibilidade de trocarem informações, se afirmarem enquanto amigos, compartilhem dos mesmos gostos e estilos. A constituição em grupo os aproxima e fortalece.

Diferente do Guinga's em que as pessoas se aproximavam de mim com maior facilidade, o que vi na Plasticine, no primeiro e demais campos, foi mais uma tentativa de marcarem um lugar, de se afirmarem enquanto tais, do que um diálogo fácil e direto comigo. O contexto verbal era, rapidamente, subsumido por um gesto, aceno, riso, grito, dança, olhar.

A seguir apresento duas incursões a campo: no Guinga's e na Plasticine Party (*Plast*), respectivamente.

“O que você veio fazer na ZL”?... Uma noite no Guinga's

A pergunta que compõe este item figura como intrigante pra mim, alocando-me para o que considero como a linha tênue entre pesquisador/professor¹³ (quando menciono, nas conversas com os frequentadores do Guinga's, esta pesquisa) e sujeito desejável (pelas indiretas/diretas que recebo no campo);¹⁴ contudo, tal indagação deve ser algo corriqueiro para tais frequentadores, ao conversarem ou avistarem alguém que para eles é desconhecido e que, de algum modo, pode chamar atenção. Aproprio-me deste questionamento com vista a compreender, de modo menos circunscrito no lugar e mais nas movimentações, as negociações/apropriações/sentidos/classificações, que homens homossexuais frequentadores do Guinga's empreendem a: sujeitos desejáveis/não desejáveis, circulação, homossexualidade, classe, cor/raça, gênero e regionalidade. Segue abaixo um pequeno trecho de uma conversa, via mensagem de

13 Pesquisador ou professor é como alguns frequentadores se referem a mim, ao saberem que eu desenvolvo esta pesquisa.

14 Sempre que me perguntam sobre minha situação conjugal, eu respondo que sou casado, para afastá-los no sentido de não acharem que estou procurando algum parceiro. Sobre situações de campo semelhantes a essa, ver Williams (1996), Facchini (2008), Oliveira (2006), Reis (2012), Braz (2010), Meinerz (2011), Lacombe (2010).

texto de celular, entre um amigo – o qual chamarei de Ronaldo- (que me acompanhou em uma incursão para o Guinga's – 16/03/2013) e um rapaz (Fernando), morador de São Mateus, que ele conheceu em uma festa na Rua Augusta em São Paulo e que se estendeu através do envio de mensagens pelo celular:

Ronaldo: To indo pruma balada no seu bairro. Haha
Ronaldo: Guingas
Ronaldo: Meu amigo que é antropólogo pesquisa lá
Fernando: Não vah kkkkk... é podre de mais kkkkkk
Ronaldo: Me chamou pra ir com ele
Ronaldo: Eu imagino mas é trabalho de campo
Ronaldo: Hehe
Ronaldo: Mas pq vc acha ruim?
Ronaldo: Vc já foi?
Fernando: kkkkkkk... Tipo, uma vez passei “entrei” lah, sai na mesma hora kkkk
Fernando: Por isso tenho vergonha da onde moro
Fernando: Se vc tivesse falado mais cedo que ia vir, eu ia te fazer companhia
Ronaldo: Ainda dá tempo. Vai com a gente
Ronaldo: Eu descobri que era São Mateus ainda agora
Fernando: É que já estou deitado de pijama kkkk... E minha mãe não vai deixar eu sair agora
Fernando: Que chato, nem dá pra eu sair mesmo
Ronaldo: Tudo bem
Ronaldo: Depois a gente marca algo
Fernando: Aham, marca sim...
Fernando: Beijos
Fernando: E boa sorte kkkkk...
Ronaldo: Haha obrigado.

No dia 17/03...

Fernando: Eae, como foi ontem?
Fernando: kkkkkkkk
Ronaldo: hahaha foi divertido
Ronaldo: Bebida barata
Ronaldo: Enchi a cara
Fernando: kkkk... Imagino
Fernando: E as pessoas de lah? Kkkkk
Ronaldo: Feinhas né... Hehehe
Fernando: kkkk... Imaginei
Fernando: Vc viu? Aonde moro é feio
Fernando: kkkkkk
Ronaldo: Ah normal
Fernando: É porque acho que vc não passou por nenhum baile funk daqui kkkkkk
Ronaldo: Haha medo
Fernando: É tenso kkkk

Em uma noite de ida ao Guinga's (16/03/13), alguns amigos e eu começamos a discutir sobre o fato de sentir envergonhado ou não pertencente a determinado lugar. Posicionamentos à parte, o fato é que está em jogo nesse debate não somente o lugar, assim como as pessoas, objetos, estruturas, um sentido de modernidade, de atualidade, independente, se por exemplo, é possível ver isso num lugar afastado do centro, como

o Guinga's, o que identifiquei nas primeiras reações dos meus amigos ao olharem para as pessoas e para o lugar e perceberem que as diferenças existiam, também, entre lugares do centro; contudo, a meu ver tais semelhanças e diferenças aparecem em qualquer espaço. Se a premissa de que *bicha é igual em qualquer lugar* ou *música de boate gls é igual em qualquer lugar*, e que pode servir para exemplificar a relação entre espaço e pessoas no Guinga's, ela não pode estar descolada de um contexto específico.

Estávamos quase chegando, no Guinga's, quando Marcos soltou a seguinte frase: *Como é que o Ramon consegue encontrar esses lugares?* Ri e depois disse: *Tudo se trata de uma antropologia viajante, de um exercício antropológico*. Naquela noite a casa estava lotada. Tivemos que parar na escada e esperar a fila que se formava na bilheteria. Gostaria de voltar à frase de Marcos, no sentido de perceber o aspecto significativo sobre uma noção prévia de determinado assunto; nesse sentido da localização de lugares e de onde devem estar localizados na geografia da cidade, é como se o fato de o Guinga's estar ali tenha sido um achado, mas que ali não seria o lugar que devesse ocupar; devo admitir que no meu primeiro dia de campo, também tive a sensação de ter achado o lugar, sempre tendo o cuidado de não exotizá-lo em meio aos freqüentadores.¹⁵

A primeira cena interessante da noite e que nos deixou intrigados, não sei se esta seria a melhor palavra, mas serve para dar sentido ao significado de um certo deboche que nos causou ao observarmos uma *bicha* dançando alucinadamente no meio da pista de dança, com movimentos considerados efeminados (desmunhecar, rebolar, bater cabelo), num balançar constante do quadril, dos braços, numa tentativa entre chamar atenção e paquerar por meio da dança. O que nos deixou intrigado tem a ver com uma situação que consideramos engraçada: de um gay efeminado, gordo, dançando sem camisa. Com o tempo, Ronaldo, Marcos e Bernardo tentaram se adaptar ao lugar, uns mais outros menos. Acreditaram estar ali pela música semelhante a outros lugares do centro. Ficamos por um bom tempo dançando, observando as pessoas e conversando, muitos nos olhavam de forma diferente, como que mentalmente estivessem pensando: *essas pessoas não são deste lugar*. Conversávamos sobre o estilo de várias pessoas, daquelas que poderiam ir pra

15 A partir de uma geografia sócio-espacial acredito ser pertinente olhar para os estudos de sexualidade na articulação com a geografia, ou melhor, com uma geografia da sexualidade, como forma de ter uma percepção sobre o lugar a partir da produção de sexualidades e vice-versa. (Cf. BINNIE e VALENTINE, 1999)

qualquer lugar, por conta da vestimenta e do estilo.

Quando estávamos fora da boate, havia um grupo de homens homossexuais conversando sobre a comemoração de dezessete anos da boate Blue Space, do Futebol das Drags.¹⁶ O mais falante comentava que ia para Blue Space, mas depois decidiu não ir, primeiro porque os amigos estavam sem dinheiro, e ele não iria bancar a entrada de todos, segundo porque a entrada custava quarenta reais, e terceiro porque para pegar um taxi sairia mais de cem reais. Um outro rapaz do grupo também reclamou do preço de táxi ser muito caro (nesse caso de São Mateus para a Barra Funda, onde fica localizada a Blue Space). Num momento oportuno presenciei algumas conversas de outros rapazes que falavam sobre idas em boates na região da Vieira de carvalho e do largo do Arouche, como a Cantho, por exemplo.

Presenciei algumas brigas entre casais de lésbicas, quase simultânea a socialização de travestis na frente da boate, num misto entre diversão e prostituição, chamando atenção de homens heterossexuais que passavam pelo local. Observei um casal de lésbicas, que inicialmente achei que fosse um casal heterossexual, por conta da performance e da corporalidade, de uma delas, ser mais masculina, possuir um jeito de corpo (Cf. SIMÕES *et al*, 2010) masculino, quando eu olhei ela de costas achei que fosse homem, em seguida ao ficar de frente para ela, percebi que se tratava de uma mulher. Em seguida, apareceu um jovem homossexual, 18 anos, branco, 1,75m, que ficou sentado no ferro que dava acesso a área de fumantes, do lado de fora da boate. Perguntei se ele era de São Mateus, falou que sim; contou, ainda, que está trabalhando como temporário no Guinga's e que torce para ser chamado como efetivo, de acordo com a conversa que escutei dele com um amigo. Ele perguntou de onde eu era, disse que morava em Pinheiros (zona oeste de São Paulo – considerado um bairro de classe média), percebi que ele ficou calado. Disse a ele que fazia doutorado, tentei explicar um pouco sobre a pesquisa, mas acho que nao fui claro suficiente. Ele perguntou se eu estava curtindo (disposto a ficar com alguém) ou trabalhando. Eu disse que estava trabalhando. Aos poucos nossa conversa foi tomando um fecho. Até pararmos de conversar.

Conversei várias vezes com um dos seguranças. Ele comentou sobre a fiscalização intensa nas casas noturnas depois da tragédia que ocorrera em Santa

16 A boate Blue Space está localizada na Rua Brigadeiro Galvão, 723 – Barra Funda, São Paulo, SP. Ver site: www.bluespace.com.br. O referido evento intitulado “Futebol das Drags” já acontece há 16 anos por ocasião do aniversário da boate. “Realizamos esta brincadeira todos os anos. É uma forma de se aproximar da vizinhança e também ensinar a importância de se conviver com as diferenças”, afirmou José Victor, proprietário da Blue Space. Este trecho foi retirado do site: <http://paroutudo.com/2012/03/19/blue-space-faz-tradicional-futebol-das-drags/>, acesso em 11/07/12.

Maria (RS) – Incêndio que ocorreu no dia 27 de janeiro de 2013 na boate Kiss, em Santa Maria, causando a morte de mais de 200 pessoas -¹⁷ contou que a gerente está impedindo a entrada de menores. Comprovei que vários menores tentaram entrar e não conseguiram. Ele contou que vez ou outra aparecem pessoas vindas de bairros distantes: diadema, regiões do centro de São Paulo; ainda assim são poucos. Falou sobre sua vida. É casado com uma paraense há 5 anos e conheceu ela num chat (sala de bate papo) de celular, na época do Blah (comunidade ou rede social móvel, criada em junho de 2000 no Brasil). Conhece o Pará e sua mulher é de Parauapebas. Disse que um amigo virá de Belém o visitar e, ele irá apresentar o Guinga's.

Em um determinado momento apareceu uma moça que tinha vindo da Distúrbia,¹⁸ disse que lá estava lotado e que por isso resolveu vir para o Guinga's. Ao chegar comentou que tinha receio que alguma travesti a intimidasse e a fizesse sair do lugar. Eu perguntei se tinha acontecido alguma situação dessa natureza. Ela contou que em um dia no Guinga's, aconteceu de uma travesti ficar olhando muito em sua direção e ela se sentir intimidada, parece que a travesti a questionava sobre o fato dela ser mulher. Conversei com outra mulher heterossexual. Esta me contava que adora o Guinga's, tem 40 anos e é mãe de dois filhos. Pedi que desse uma volta. Fiz um elogio dizendo que estava em forma. Depois, comecei a fazer perguntas sobre o Guinga's, ela me relatou que até aquele momento o Guinga's fora o único lugar GLS que ela frequentou, que nunca foi em lugares GLS em outros bairros, falou que *no Guinga's todo mundo é igual, não tem briga, ninguém fica discriminando*, pelo menos no karaokê, que é onde ela passa mais tempo, pois na pista de dança ela não frequênta. Ela se sente bem no local, tem vários amigos gays, mas não costuma vir no sábado (dia de maior frequência do público de lésbicas). É heterossexual e todo mundo sabe disso, mas ela não gosta quando tem muita lésbica, apesar de dizer que nunca nenhuma lésbica tentou alguma aproximação.

O próximo rapaz (heterossexual) com quem conversei trata-se de um negro, de 22 anos, 1,80m. Ficou do meu lado e foi se aproximando aos poucos. Lembro dele ter entrado no meio de uma conversa. Ele compunha um estilo *mano*: moleton, calça

17 Ver matéria neste link: <[http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,4024372,Incendio-em-boate-em-Santa-Maria-cao-a-morte-de-dezenas-de-pesoas.html](http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/dsm/19,18,4024372,Incendio-em-boate-em-Santa-Maria-cao-a-morte-de-dezenas-de-<u>pe</u>soas.html)>, acesso em 25 de junho de 2013.

18 Boate localizada na Avenida Sapopemba, 12.645, São Mateus. Funciona como uma espécie de contraponto ao sentido popular dado ao Guinga's. Pretende se assemelhar a uma das boates do circuito GLS *mainstream* de São Paulo. O público majoritário são jovens homossexuais, na faixa etária dos 18 aos 25 anos.

jeans ou bermuda e tênis.¹⁹ Conversamos sobre várias coisas, dentre elas o fato dele se dizer heterossexual, sendo que *fica com homens, mas não transa, mas com mulheres faz tudo*. Percebi que ele queria que eu fosse com ele na Disturbia, mas eu resolvi não ir. Faz curso de graduação, em Exatas - Engenharia da Informática. Como eu me recusei a ir na Disturbia, ele decidiu ir sozinho.

No início da festa, lembro de ter avistado Sérgio, rapaz que conheci após seguidos encontros no Guinga's. Lembro de tê-lo visto entrando com outro rapaz. Resolvi subir, fiquei por um tempo no celular anotando algumas coisas, depois fui para o balcão do bar, na pista de dança. Sérgio parou do meu lado e ficou olhando, até me reconhecer. Conversamos e ele me apresentou seu amigo, Anderson. Fomos ao karaokê, sentamos numa mesa e brindamos com cerveja. Enquanto Sérgio cantava, eu fiquei conversando com Anderson, ele me falou que: *não gosta dos gays de outros lugares, Estados, por conta do sotaque, por exemplo...* Em outro momento da conversa, ele comentou que: *costumo ir ao centro, e já trabalhei com pesquisa*. Disse-me algo que eu não esqueço. Que eu não precisava falar para as pessoas que estava fazendo pesquisa de campo, porque isso pode afastá-las.²⁰

Uma noite na Plast

Tirando proveito de profícuos campos com amigos, os dados a seguir fazem parte de uma noite de campo acompanhado de uma amiga, Letícia.

Encontrei com Letícia no metrô República no horário previsto: 23h00. Saímos em direção a estação Corinthians-Itaquera. Chegando lá pegamos uma condução para o Luar Rock Bar. Ao chegarmos enfrentamos um pequena fila para entrar. Letícia fez uma observação sobre o público: *jovens, entre moças e rapazes*; lançando olhar para os estilos e vestimentas, falou que estavam *muito bem produzidos*, disse, inclusive, que ficaria com uma das meninas que fazia um estilo *boyzinho* - de topete, magra,

19 Utilizo o termo êmico *mano* para marcar um manejo corporal e de estilo (*jaco de cetim, bombeta, tênis, moletom, calça jeans*), a despeito de reconhecer o tom pejorativo com que policiais, por exemplo, se dirigem aos *manos*, por serem moradores da periferia, negros, e se aproximarem de um contexto relacionado ao uso de psicoativos ilícitos e à violência (FRANÇA, 2012, p. 227).

20 Acredito que deva ter iniciado minhas incursões com um tom formal, no sentido de levar um discurso acurado sobre as questões que me moviam a fazer pesquisa nestes lugares. Estava envolto de uma obrigação em ter que me apresentar e mostrar meus propósitos. No primeiro momento parece ter funcionado, mas aos poucos criava uma barreira entre eu (pesquisador) e frequentadores. Após as primeiras incursões, decidi que não deveria comentar sobre a pesquisa, apenas que era pesquisador, já que falar que estudava doutorado em antropologia na USP, também, me distanciava deles, pelo silêncio que se instaurava no diálogo. Vale, ainda, notar que os campos mais rentáveis aconteceram na presença de amigos, que ajudaram a me desatrelar de um olhar viciante. Percebi com o tempo que, também, faço uma antropologia com amigos. Ressalto que os nomes dos amigos que aparecem neste paper são fictícios e, todos autorizaram que eu fizesse uso dos seus diálogos.

cabelo curto, branca. Além disso, ela ainda comentou que percebeu muitas pessoas andróginas.

Fomos entrando e eu fui ciceroneando Leticia dentro do lugar, até pararmos nos fundos, na área de fumantes. Resolvemos permanecer por lá por alguns minutos. Passado algum tempo, ela me perguntara se eu não conversava com ninguém, se eu não me entrosava com as pessoas do lugar, disse a ela que esse era o que eu considerava um dos problemas do meu campo nesse lugar, de não encontrar tanta receptividade das pessoas, tal como em São Mateus; comentava que se trata de um público muito jovem, entre 15 e 18 anos, que tais sujeitos estariam numa fase, que eu considero, de auto-afirmação, sendo difícil ser aceito em seus grupos, bem como compartilhar ideias; eu ainda não tinha tido tanto interesse em manter uma conversa com eles, minha maior dificuldade era de como me aproximar, qual a maneira de abordar, o que falar, por isso tenho pensado bastante na questão de ter que me montar pra poder ser visto, ser aceito como um deles. Das duas últimas vezes que saí, resolvi caprichar um pouco mais no visual, pra poder ter um estilo parecido ao deles, para que eu não ficasse tão anônimo no meio neste contexto.

Fomos mudando de posição no mesmo espaço dos fundos, e entre olhares e percepções, notei alguns caras fitando os seios de Leticia, como não podia deixar passar, eu logo comentei com ela, ambos ríamos da situação e comentávamos sobre esse fato e, sem nos darmos conta, sobre o que estava sendo entrecruzado no meu campo por várias vezes, que é a questão do desejo,²¹ de ser sujeito desejável neste espaço. É importante mencionar que quem estava sendo desejado naquele exato momento era Leticia, ou melhor os seus peitos.

Fomos dar uma volta na pista e nos outros ambientes. Paramos então no primeiro ambiente, logo quando se entra no lugar. Funcionando como um lounge, área de fumantes e de pegação. Sentamos, conversamos, mas nada de novo até aquele momento. Cheguei a dizer a ela que estava com vontade de desistir de tal campo porque não tinha alguma aproximação com os frequentadores, não tinha uma boa entrada. Resolvemos pegar uma bebida e voltamos para a parte dos fundos, já a circulação de pessoas era maior. Desta vez nos posicionamos mais ao fundo, e sentamos, neste momento acho que foi o ponto alto do campo, foi aí que percebi como uma etnografia não nasce da noite pro dia, se tomarmos esse dito popular como

21 Compreendo o desejo de modo eminentemente social, como algo a ser produzido e compreendido contextualmente (Cf. GAGNON, 2006).

significante e aplicarmos na prática de uma observação etnográfica e se lembrarmos das várias etnografias, em especial aquelas mais clássicas em que o antropólogo vai morar no mesmo local que seus interlocutores, por exemplo. Apesar de eu não ter ido morar, tenho estimulado uma etnografia que procura, a partir do exercício de recorrência no campo, estabelecer uma relação de proximidade e de confiança com as pessoas.

Quando sentamos naquela espécie de bancada de concreto, aos poucos foram se aproximando várias pessoas, quase num exercício de consulta, cada um a seu tempo e de forma distinta, não contando seus problemas, mas me abrindo a possibilidade de diálogo. Primeiro foi Leonardo, branco, 18 anos, heterossexual, morador da Penha (zona leste, SP). Estávamos sentados conversando, e um dos amigos dele ofereceu vinho, eu não aceitei a primeira vez e ele insistiu novamente, deve ter percebido que eu estava olhando pra ele, disse que não aceitei porque estava tomando cerveja. Olhando para aquele grupo de três rapazes, eu não os percebia como homossexuais ou bissexuais,²² faziam um estilo *boy*, que curtem rock, com camisas de bandas de rock - black sabbath, jaqueta de couro preta, um outro de camiseta preta; até que um deles solta a seguinte frase: *Tá faltando homem bonito aqui!* e um dos amigos retrucou: *Eu lá quero saber de homem, eu quero saber é de mulher*. A partir dessa frase pensei: classificar os frequentadores daquele lugar pela aparência os alocando em sistemas classificatórios de gênero e sexualidade não seria rentável. A atmosfera deste lugar diz respeito a uma percepção muito mais alargada dos estilos e práticas corporais, é como que se pudesse tudo, mas não se pudesse nada.

Quando os dois amigos saíram, deixaram um deles sentado, e resolvi tomar coragem e conversar, comecei usando a deixa da pergunta que veio a calhar por conta da circulação da vigilância sanitária pelo lugar observando se menores estariam consumindo bebida alcoólica ou outras drogas, a exemplo da maconha. Situação que me levou a iniciar uma conversa com Leonardo sobre tais questões. Perguntei a ele se consumia algum tipo de droga, e mencionei que tinha achado estranho alguém da vigilância sanitária rondando pelo lugar, pois aquela era a primeira vez que via algo assim na *Plast*. Leonardo comentou que bebia e fumava, mas que fumar maconha ali

22 Corroboro com a noção “desdiferenciação social” elaborada pelo sociólogo argentino Ernesto Meccia (2011), a qual indica que os processos atuais de vivência da (homo) sexualidade, por terem passado da “coletividade” (sentimentos de pertença diante da hostilidade social) para uma ideia de “categoria” (ostentação por sinais de distinção), estão menos circunscritos nas identidades sexuais e mais na estética e nos símbolos. A “desdiferenciação social” promove uma dissociação entre identidade sexual (homossexual, bissexual) e gostos e estilos de vida específicos. Talvez seja o motivo para a minha percepção não aguçada de tais identidades.

naquele espaço não era legal, porque segundo ele *a maconha é pior do que o cigarro*. Conversamos sobre outras coisas, mas o que mais me chamou atenção foram duas colocações feitas por ele. Primeiro foi quando ele disse que tinha vários amigos ativos, e que ali naquele lugar tinha vários ativos, ou seja, ele olhou pra mim e automaticamente me classificou como homossexual e passivo, pelo meu trajeito efeminado, bem como pela minha vestimenta: camisa manga comprida com estampa florida, calça de couro sintético justa ao corpo e sapato social; além disso, quero mencionar que a possível associação da minha figura com a de homossexual passivo, também diz respeito ao que ele pode considerar como prática sexual desempenhada por homens homossexuais, considerados por ele, mais femininos. O outro ponto que gostaria de mencionar diz respeito aos lugares em que costuma frequentar, ou melhor, ao lugar em que costuma ir, que é esta festa. Enquanto morador da zona leste, perguntei a ele quais os lugares que costuma frequentar, ele respondeu que já foi em lugares localizados na avenida Paulista, na Augusta, mas que a *Plast* é bem legal e não deve nada a tais lugares referidos. Ele acha interessante o *público misturado da Plast*: essa relação amigável entre heterossexuais e homossexuais, mas não somente isso, a mistura de gêneros musicais numa mesma festa, e uma tal liberdade que por várias vezes possui uma conotação sexual, de poder ficar com quem quiser, por exemplo.

Outra situação interessante: após ter conversado um pouco mais com Leonardo, ele saiu e deu lugar a um casal de lésbicas brancas, juntas a pouco mais de seis meses, o que foi interessante notar é que a mais feminina delas perguntou se Letícia aceitaria dar um beijo em sua namorada, a que era mais masculina. Letícia pensou e aceitou. Confesso que achei uma situação inusitada, pois nunca tinha presenciado uma situação em que a namorada pede pra uma amiga minha beijar sua namorada, pelo menos não naquela proporção tão direta e objetiva. O que confirma mais uma vez essa atmosfera libidinosa, que brinca com uma rigidez e com uma liberdade, há claramente uma linha tênue entre essas práticas, que só é percebida por meio de negociações e agenciamentos.

Antes de voltarmos pra pista, levantamos e logo em seguida uma moça chegou até Letícia e perguntou a ela se aceitaria ficar com seu amigo, Letícia recusou porque, segundo ela, está namorando. Em seguida, Leonardo se aproximou de nós e disse que seu amigo bissexual estaria interessado em mim, mas eu desconversei, sem precisar ter que mencionar que se tratava de uma pesquisa, apenas desconversei. Passamos

novamente pela pista de dança. Fomos para o primeiro ambiente. Reencontramos Leonardo. Ele comentou suas pretensões futuras, ficamos por um tempo conversando sobre questões de âmbito acadêmico. Relatou que tem vontade de fazer curso de filosofia ou direito, na Universidade de São Paulo (USP), mas que não conhece esta universidade. Voltamos para os fundos, e sentamos próximo a um casal de amigos, um gay e uma lésbica. Interessava-me perguntar sobre circulação, mas eles conversavam sobre o fato de serem amigos e de que não rolava nenhum sentimento sexual de ambos os lados, pois eu vi ele passando a mão nos seios e na parte genital, mas ele mostrou que não rolava nada, a amiga concordou, em seguida. Perguntei sobre circulação, pegando o gancho com um menina que apareceu e ficou pedindo bebida e dizendo que era promotor de várias festas, na *Plast*, em Itaquera; *Freak Nation*, em Mogi das Cruzes. Eu perguntei ao rapaz do lado, Jorge, se ele sabia onde ficava esses lugares e ele foi me falando. Perguntei então se ele costumava ir a Augusta, Vieira de Carvalho; na Augusta ele disse que ia, mas quando falei da Vieira ele riu e, acreditei que para não se comprometer já que tinha falado que não comprava briga por besteira e como eu já tinha mencionado que circulava por vários lugares: Tatuapé, Vieira de Carvalho, São Mateus, ele disse que nunca tinha ido na *Vieira*. Aproveitei para trocar o contato com todos eles/elas.

Passando ao último momento importante da festa, que inclui três sujeitos: um rapazinho que aparentava ser bem novo, mas que disse ter dezoito anos, branco, baixo, homossexual, performance mais feminina, magro, usando bermuda, camiseta, e boné de aba reta; outro, homossexual, performance mais feminina, andrógino, com corte de cabelo alisado na franja e cortado nas laterais, branco, gordo, alto; Letícia achou que ele tomava hormônios, pelo corpo com curvas e por ser feminino; por ultimo, um rapaz branco, que nasceu em Minas Gerais, veio quando criança pra São Paulo, mora em itaquera, 18 anos, magro, branco, homossexual. Conversamos sobre várias coisas, a que mais me chamou atenção foi sobre sua trajetória familiar (é assumido) mas no início contou que teve problemas para lidar com a sua sexualidade, contou que: *fiquei com várias mulheres pra fugir da homossexualidade*, sua mãe disse que *era só uma fase, depois aceitou mas disse que ele tinha que ser menos gay, não aparentar ser gay. Nem todos os parentes sabem. Mas prefiro contar que sou gay e não escondo de ninguém*. Depois fui saber que o primeiro garoto que iniciei neste parágrafo estava ficando com ele, Gustavo, enquanto o outro amigo mais feminino, de franja, ficava rondando e sociabilizando com os demais do grupo. Não cabe aqui dizer

que há uma separação rígida entre quem fica são os gays mais masculinos e quem não fica são os mais femininos, isso também é misturado.

A exposição dos dados acima pretendem mostrar a diversidade desses espaços localizados em duas periferias de São Paulo, sob a perspectiva de evidenciar uma não homogeneidade na produção de um (a) estilo/corporalidade relacionado à homossexualidade nas periferias referidas, além disso, identificar processos de diferenciação e subjetivação, pela via do mercado, consumo, circulação e regionalidade, além dos demais marcadores supracitados.

A questão é perceber, na circulação das pessoas, as diversidades e desigualdades internas e, a possibilidade de revertê-las (Cf. MOUTINHO, 2006). É importante notar então que se trata de uma sociedade que circula, que se movimenta, ou ao menos de uma juventude que já não hesita em atravessar as fronteiras do seu meio social de origem (TELLES, 2010). Se ainda não há ligação entre uma produção cultural/produção de espaços de sociabilidade homossexual na periferia em relação ao que é produzido no centro, ao menos há uma nova geografia econômica que liga os centros às periferias e as periferias aos centros (*idem*). Reafirmamos, então, nosso suposto de que se faz necessário problematizar a noção de uma homogeneidade na corporalidade e nos estilos de homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens nas periferias de São Paulo, sobre a imagem que se tem das periferias e das pessoas que nela moram.

Referências bibliográficas

- AGUIÃO, Silvia. “Aqui nem todo mundo é igual”. Cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Área de Gênero, Sexualidade e Saúde. Rio de Janeiro, IMS/UERJ, 2007;
- BINNIE, Jon e VALENTINE, Gill. Geographies of sexuality – a review of progress. In: Progress in Human Geography 23, 2 (1999), p. 175-187;
- BRAH, Avtar. Diferenças, diversidade e diferenciação. In: Cadernos Pagu (26), Campinas, SP, 2006, p. 329-376;
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2010;
- CARVALHO-SILVA, Hamilton Harley de. Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo: deslocamentos e fronteiras. Dissertação de Mestrado,

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009;

FACCHINI, Regina. Entre umas e outras: mulheres, (homo) sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2008;

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 2 – O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 9a Ed., 2001;

FRANÇA, Isadora Lins. Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012;

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982;

GAGNON, John. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006;

KOBAYASHI, Maíra. Do lado de lá: um estudo etnográfico sobre as homosociabilidades que se constituem nas periferias da cidade de São Paulo. In: Primeiros Estudos, São Paulo, n. 4, p. 112-122, 2013;

LACOMBE, Andrea. Ler [se] nas entrelinhas. Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins. Tese de Doutorado: Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2010;

LOPES, Paulo Victor Leite. Sexualidade e construção de si em uma favela carioca: pertencimentos, identidades, movimentos. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2011;

McCLINTOCK, Anne. Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010;

MECCIA, Ernesto. Los últimos homosexuales: sociología de la homosexualidad y la gaycidad. Buenos Aires: Gran Aldea Editores – GAE, 2011;

MEDEIROS, Camila Pinheiro. Mulheres de Kêto: etnografia de uma sociabilidade lésbica na periferia de São Paulo. Dissertação de Mestrado: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2006;

MEINERZ, Nádia Elisa. Entre mulheres: etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011;

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. In: Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1), janeiro-abril de 2006, p. 103-116;

OLIVEIRA, Leandro de. Gestos que Pesam: performance de gênero e práticas homossexuais em contexto de camadas populares. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2006;

PERILO, Marcelo de Paula Pereira. Eles botam o bloco na rua! Uma etnografia em espaços de sociabilidades juvenis. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, 2012;

PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2a Ed., 2008 [1987];

PINHEIRO, Ana Laura Lobato. Trajetórias afetivas e sexuais entre jovens de periferia, Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2011;

REIS, Ramon Pereira dos. Encontros e Desencontros: uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaços de sociabilidade homossexual de Belém, Pará. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012;

SIMÕES, Júlio Assis *et al.* Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: Cadernos Pagu (35), Campinas, São Paulo, julho-dezembro de 2010, p. 37-78;

TELLES, Vera da Silva. A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010;

WILLIAMS, W. L. Being Gay and Doing Fieldwork. In: LEWIN, Ellen.; LEAP, William L. (Orgs.). Out in the field: reflections of lesbian and gay anthropologists. Urbana & Chicago: University of Illinois Press, 1996;